

## 1. Introdução

Paris, 1670. Surge, logo no início de janeiro, na capital francesa, a primeira edição dos *Pensées de M. Pascal sur la religion et sur quelques autres sujets (qui ont été trouvées après sa mort parmi ses papiers)*. Esse extenso título queria designar a compilação de uma série de notas encontradas, tal como explica a observação entre parênteses, em meio aos papéis do então finado Blaise Pascal (1623-1662), que as tomava, como esclarece o *Prefácio* à citada edição – referida, hoje em dia, como “edição de Port-Royal” –, com a intenção de compor o que seria sua obra máxima, a *Apologia da religião cristã*.

Étienne Périer, sobrinho de Pascal e autor do *Prefácio*, é quem nos revela os detalhes acerca do surgimento do projeto, da composição da obra, e da identificação do conteúdo dos maços de papéis encontrados com um plano de uma apologia que o próprio Pascal expusera, em 1658, a seus amigos da abadia de Port-Royal des Champs. Ele inicia sua preleção, que tem por base o *Discours sur les Pensées de M. Pascal*, de Filleau de la Chaise, e *La vie de Pascal*, escrita por Gilberte Périer (irmã de Blaise), adotando um habitual tom de que os Périer se servem para retratar Pascal, tom este que requer de nós certa reserva, porquanto é permeado de informações que, embora edificantes, soam como uma idealização desse insigne familiar. De acordo com Étienne, Pascal havia renunciado, ainda muito jovem, ao estudo da matemática, da física, e de todas as “ciências profanas” para dedicar-se exclusivamente a “coisas mais sérias e de maior relevância”; nesse período, teria tido lugar o estudo das Escrituras, dos Padres da Igreja e da moral cristã.

Notemos, de passagem, que, não obstante essa informação do autor do *Prefácio*, entre 1658 e 1659 Pascal encontra-se extremamente envolvido com um problema geométrico acerca das propriedades da curva denominada “roleta” ou “cicloide”. O problema da roleta teria sido proposto, pela primeira vez, pelo padre Marin Mersenne (1588-1648) a alguns cientistas europeus – dentre os quais, Galileu –, dizendo respeito à dimensão de seu espaço. Passados alguns anos sem

que o problema tivesse alcançado resolução, a questão foi retomada por Roberval, em 1634, e recebeu ainda algumas soluções oferecidas pelo matemático Fermat e por Descartes (1596-1650) em 1635. A solução de Roberval foi dada como satisfatória, ao que este aproveitou para acrescentar novas questões ao problema da roleta e é então que surge o problema da linha que, daí em diante, passou a ser designada como cicloide.<sup>1</sup> Eminentíssimos cientistas de toda a Europa se voltaram à questão, mas foi apenas em 1658 que ela encontrou resolução, assim que uma “ocasião imprevista” fez com que Pascal pensasse na geometria que ele havia abandonado há tempos (HR, OC IV, 219).

Pascal não nos diz que “ocasião imprevista” teria sido essa, que o fez devotar-se, depois de estar decidido a abandonar as ciências naturais, a esse problema geométrico que ele próprio classifica como sendo de “alta, penosa e longa investigação” (HR, OC IV, 218).<sup>2</sup> A justificativa dada pelos Périer não pode soar senão como sendo anedótica e fantástica. No *Récit anonyme sur l’histoire de la roulette*, o qual teria sido escrito por Florin, Étienne ou Louis Périer, que teria recebido de Antoine Arnauld (1612-1694) o conselho de tornar mais ampla a biografia de Pascal, escrita por Gilberte,<sup>3</sup> vemos que o que teria levado Pascal a se dedicar ao problema geométrico teria sido uma “dor de dentes extraordinariamente violenta, que o atormentava uma noite, cuja sensação ele quis

---

<sup>1</sup> Os fatos encontram-se relatados por Pascal em seu escrito sobre a *História da roleta* (*Histoire de la roulette*). A propósito do problema proposto por Mersenne e da solução apresentada por Roberval, Pascal expõe um caso que teria “feito rir toda a França”. Sendo Galileu correspondente de Mersenne, tinha documentado, entre seus papéis pessoais, todo o desenrolar do problema da roleta, incluindo aí a formulação de Mersenne e a solução de Roberval; tendo Galileu morrido em 1642, Torricelli, seu sucessor, apropriando-se de seus papéis, fez imprimir, em 1644, em sua *Opera geometrica*, o problema da roleta, atribuindo a formulação de Mersenne ao então falecido Galileu e a solução de Roberval a si próprio. Escarnecendo de Torricelli, Pascal diz: “Foi um motivo de riso, na França, ver que Torricelli atribuía a si, em 1644, uma invenção que tinha sido, há mais de oito anos, reconhecida publicamente e sem contestação como sendo do Sr. de Roberval”.

Aliás, Pascal emprega o termo *roulette*, ou ainda seu correspondente grego, *trochoïde*, geralmente usados por Roberval, de preferência à *cycloïde* (termo de que se serve Torricelli) como uma forma de deferência a seu compatriota. Pascal confessa na *História da roleta* que ele próprio cria dever-se ao italiano um mérito que, com efeito, era do francês. Conferir o comentário “Sobre o concurso da roleta” in OC IV, 172 e a *Histoire de la roulette* in OC IV, 214-224.

<sup>2</sup> J. Mesnard aventava a hipótese de ter sido a correspondência estabelecida com Sluse. Cf. OC IV, 167-168.

<sup>3</sup> Essas notícias são dadas por J. Mesnard em seu comentário ao *Récit anonyme sur l’histoire de la roulette*: OC I, 649.

atenuar aplicando intensamente seu espírito na investigação dos problemas acerca da roleta, que os doutos achavam impossíveis de solucionar” (OC I, 651).<sup>4</sup>

Decorrem, desse episódio, um concurso em torno da cicloide, proposto aos principais cientistas europeus de então, o escrito sobre a *História da Roleta* (1658) e uma *Correspondência relativa à cicloide* – algumas cartas assinadas sob o pseudônimo Amos Dettonville (anagrama de outros pseudônimos: Louis de Montalte e Salomon de Tultie) – com Carcavy, Huygens e R.-F. Sluse. Pascal os executa paralelamente a seu projeto de apologia do cristianismo.

Ante o episódio da cicloide, é difícil afirmar se procede ou não a declaração de que o “Sr. Pascal” havia abandonado inteiramente as “ciências profanas”, tal como sustenta seu sobrinho – e como também sustentará a autora de sua primeira biografia (*La vie de Pascal*), sua irmã Gilberte. Os Périer alegam que Pascal teria preferido não tornar pública a resolução do problema da cicloide e que só aceitou promover o concurso e fazer imprimir seus escritos a respeito do problema porque o duque de Roannez, a quem ele era ligado por uma estreita amizade, o convenceu de que o fato poderia ser um ponto a favor de sua defesa da religião cristã, uma vez que um dos argumentos adotados tanto pelos ateus como pelos libertinos da época era o de que somente pessoas de poucas luzes, os “espíritos fracos” e crédulos, admitem a verdade da religião cristã e são convencidos dela. E certamente não se podia denominar “fraco” um espírito capaz de resolver um problema que os maiores cientistas da Europa, depois de anos, não foram capazes de solucionar.

Seja lá como for, tendo ou não abandonado completamente as ciências abstratas, é Pascal quem nos confessa ter ao menos se enfastiado [*dégoûté*] delas em virtude da pouca interlocução que se pode ter nas mesmas. Eis que uma descoberta acontece e as ciências naturais passam a ser percebidas por ele como *impróprias*; essa descoberta é o *estudo do homem* que, como passou a pensar Pascal, é o verdadeiro estudo que nos é próprio. Junto a essa descoberta há ainda outra cuja realização se dá com surpresa: embora seja, o “estudo do homem”, algo mais adequado a ele do que a investigação científica, o número de pessoas que se dedicam a empreendê-lo é ainda menor do que aqueles poucos que se consagram ao estudo da geometria. Da constatação, poderia seguir-se que falta saber estudar

<sup>4</sup> A mesma narrativa é encontrada em *La vie de Pascal* (2<sup>o</sup> version, OC I, 623, §55), de Gilberte Périer, e na *Mémoire sur Pascal et sa famille* (OC I, 1103-1104), de Maguerite Périer.

o homem e, por essa razão, se busca estudar outras coisas; a conclusão de Pascal, porém, é a de que o homem não procura estudar-se porque para ele é melhor ignorar-se para ser feliz (Laf. 687/Sel. 566).

É a essa ignorância que se volta, de saída, a *Apologia* que a morte precoce de Pascal fez permanecer inacabada, alertando o homem para a necessidade de um conhecimento de si. Não um *gnothi seauton* à maneira clássica, amparado por máximas provenientes da sabedoria profana, dos filósofos e dos doutos, mas um “conhece-te a ti mesmo” ancorado na única sabedoria capaz de realizar com louvor tal missão, a sabedoria cristã.

Temos, assim – para nos tornarmos outra vez sobre o *Prefácio* da edição de Port-Royal –, a definição do ponto de partida do projeto apologético: a *pintura do homem*. Essa representação não vai deter seu horizonte no caráter “[A] vão, variado [*divers*] e inconstante [*ondoyant*]” (I, 1. VS 9; RCA 10) do humano, tal como faz a *pintura* empreendida pelo autor dos *Ensaio*s – embora seja em grande medida inspirada por ele –, mas vai concentrar-se, sobretudo, nas “espantosas contrariedades” da natureza humana, que nem o homem comum nem as sabedorias que não se pretendem ordinárias são capazes de satisfatoriamente explicar e solucionar.

Em seu projeto, Pascal concebe um interlocutor ignorante e negligente com relação à sua própria figura; o retrato por ele executado deve ter esse interlocutor como modelo e, por conseguinte, ter como principal intenção fornecer-lhe a apreensão desse conhecimento negligenciado; a *pintura do homem* deve congrega tudo o que for capaz de lhe fazer conhecer tanto o exterior quanto o interior de si próprio, considerando, inclusive, seus mais recônditos sentimentos, e ter como tema principal a grandeza e a miséria que ele ignora e em relação às quais age indiferentemente. Além de instruir, a *pintura pascaliana do homem* teria como propósito surpreender a figura representada ao fazê-la reconhecer em si oposições inerentes à sua própria natureza, a ponto de impelir-lhe a sair da indiferença que se encontra, ao escolher ignorar-se, e desejar buscar estudar-se, após ter vislumbrado o que é o conhecimento de si – conhecer sua origem (de onde vem) e seu fim (o que há de tornar-se).

É fundamental o papel da argumentação no sentido de predispor o interlocutor a desejar buscar, abalando diretamente seu indiferentismo e sua indolência que o impedem de colocar-se em tal caminho; é somente efetuando

essa investigação que ele poderá chegar à conclusão a que Pascal almeja dirigi-lo, a saber, de que está fadada ao fracasso a busca – seja ela do conhecimento de si, dos bens que se pode alcançar, da felicidade que se pode pretender, da maneira que se deve conduzir-se – feita junto à sabedoria mundana, cujos preceitos e ideais tenderão, infalivelmente, a se revelar parciais e ineficazes; portanto, incapazes de mostrar um caminho satisfatório.

Alcançado êxito o incentivo da busca, surge a opção da via filosófica; isto é, o passo seguinte seria endereçar aquele que investiga aos filósofos. Qual seria, aqui, a importância da filosofia? Sabe-se que a filosofia se pretende apartada da opinião (*doxa*), constituindo-se como um saber distinto. Pascal, a partir disso, apresentará uma leitura dessa disciplina que foi progressivamente enfraquecida em sua época, que é a concepção da filosofia como um *modus vivendi*, uma doutrina que se outorgaria a capacidade de apresentar ao homem uma maneira de viver. Ao endereçar seu interlocutor aos representantes desse tipo de saber, os filósofos, Pascal tem uma intenção inteiramente estratégica, que, inclusive, vai de par com uma tática presente numa corrente filosófica que terá grande importância em seu plano apologético da religião cristã, o ceticismo. A estratégia, em certa medida sextiana, por assim dizer, é fazer com que aquele que resolveu buscar depare com o insolúvel conflito entre os sistemas filosóficos; tática conhecida da filosofia pirrônica, que consiste em explorar, para nos servirmos do vocabulário de Sexto Empírico (c. 160- c.210), o problema da discordância (*diaphonía*) entre as teorias mutuamente excludentes (HP I, 26).

Pretendendo persuadir o interlocutor da relevância da doutrina cristã e da escolha por uma vida orientada pela crença em Deus, Pascal entende ser preciso que aquele que busca enverede por um caminho vertiginoso, labiríntico, que se sinta como se estivesse num beco sem saída; sua intenção é torturar o interlocutor, expondo-o a várias alternativas que soam sempre parciais, insatisfatórias, até o ponto em que este se perceba sem outra opção diante de si além da aposta na existência de Deus e da promessa de uma vida futura venturosa. A finalidade desse esquema explicita-se pelo seguinte raciocínio: “É bom ficar desencorajado [*lassé*] e cansado [*fatigué*] pela inútil busca do verdadeiro bem, a fim de estender os braços ao Libertador” (Laf. 631/Sel. 524).

O desencorajamento e o cansaço não devem resultar apenas da frequência das sabedorias dos filósofos, mas ainda do contato com outras

religiões, que não a cristã, perante as quais Pascal também vai lançar seu interlocutor, passando em revista as verdades por elas pretendidas e esforçando-se por mostrar seus possíveis pontos de descrédito: debilidades, contradições, extravagâncias e vanidades. Finalmente, tendo diante de si seu interlocutor fatigado e vencido, Pascal pode apresentar-lhe algo fundamental em seu projeto, que é o resgate da interpretação das Escrituras, atentando nomeadamente para a narrativa do *Gênesis*, segundo a qual o homem, por seu orgulho e por crer-se senhor de si e dos privilégios que lhe eram atribuídos exclusivamente pela consonância estabelecida com Deus, aparta-se de seu criador, passando a viver entregue a si mesmo e às suas próprias forças, ingressando num estado cuja tônica é sua fraqueza natural, sua miséria, sua impotência, suas parcas luzes; em suma, entregue a uma perene insatisfação.

A narrativa cristã da queda é lida de maneira lancinante por Pascal, que concebe o homem decaído como um “rei deposto” [*le roi dépossédé*] (Laf. 116/Sel. 148; Laf. 117/Sel. 149). Esse apelo à figura do *roi dépossédé* constitui um momento central da apologia pascaliana da religião cristã, pois essa imagem de um ser que num momento desfrutava de um reino e noutro vê-se despojado de todo o seu bem concilia, de modo cabal, a *dignitas* e a *miseria hominis*, sintetizando a maneira como Pascal compreende a natureza humana: uma natureza dupla, ao mesmo tempo grande e miserável.

Vivendo uma condição de miséria depois de ter experimentado uma condição de grandeza, da qual ainda carrega os vestígios e a lembrança, o rei deposto de Pascal estará condenado, por essa lembrança, a um estado de perpétua nostalgia e de constante insatisfação pela incapacidade de consolar-se de suas misérias presentes e de dar como esquecida sua condição passada. Poderíamos pensar em dois paradigmas literários do soberano deposto, *Édipo Rei* e *Rei Lear*,<sup>5</sup> para termos ideia de que tipo de miséria se abate sobre um homem que desfrutava de um reino e, de um momento para outro, perde-o, restando-lhe apenas a lembrança dele e o sentimento nostálgico de não mais possuí-lo. Essa reminiscência (termo que jamais aparece *ipsis litteris* nos *Pensamentos*) do reino perdido é o que desautorizará qualquer outra doutrina, além da cristã (única a

<sup>5</sup> É o que faz Kuhn (1969), em sua interessante leitura, que recomendamos enfaticamente. O paradigma do *Rei Lear* é também lembrado por Sellier em nota ao fragmento 148 de sua edição dos *Pensamentos*.

conhecer a grandeza e a miséria do homem), a orientar a busca humana pelo verdadeiro bem.

Adão (é este e não os personagens de Shakespeare e de Sófocles o parâmetro de Pascal) teria tido, segundo a narrativa presente no livro de *Gênesis*, uma condição natural de grandeza, vivendo em consonância com Deus, tendo acesso a uma verdade inequívoca e a uma felicidade certa, sem apresentar, em seu espírito, qualquer carência, visto que todas as suas necessidades eram supridas pelo ser que lhe deu origem. Mas, pelo pecado, ele apartou-se de Deus e, junto com esse afastamento, viu nascer diante de si uma condição de miséria que lhe era, até então, desconhecida. O ato adâmico afetou todo o seu clã, quer dizer, a raça humana, a qual foi acometida pelas mesmas mazelas que afetaram seu desditoso ancestral. Desse modo, Adão e seus descendentes carregam consigo o sinal do pecado e tudo o que com ele advém: a ruptura do contato direto com Deus e a perda da perfeição, marcada pela posse da verdade e da felicidade.

A felicidade (ou, como diriam os gregos, *eudaimonia*) é uma das questões fundamentais do pensamento antigo e é um problema que tem uma importância capital para a filosofia cética – pelo menos a exposta por Sexto na obra que é tomada como um esboço da doutrina de Pirro de Élis (c. 360-c. 275 a.C.), o patrono do pirronismo –, assim como para toda a filosofia do chamado período helenístico (323-30 a.C.<sup>6</sup>), em geral, mas que parece ficar em segundo plano na releitura dos cétricos antigos na modernidade, em virtude da centralidade assumida por uma abordagem filosófica estritamente epistemológica e metafísica nesse período. Pascal retomará o tema da busca da felicidade, apontada por ele como sendo indiscutivelmente o bem humano supremo; mas essa felicidade, dado o paradigma do *roi dépossédé*, será vista como perdida, o que lhe dará ensejo para elaborar uma crítica contra a sabedoria dos filósofos, bem como a que segue o homem comum, visando ao alcance desse bem desejado por todos, mas fora da alçada dos mortais.

Com relação à filosofia cética e sua forma de orientar o homem no mundo, indicando-lhe o modo de vida mais apropriado possível, devemos, no caso de Pascal, dar atenção à sua crítica da moral defendida pelos pirrônicos, que será um problema tão relevante a seus olhos quanto a questão do conhecimento.

---

<sup>6</sup> Da morte de Alexandre, o Grande, à morte de Cleópatra. Recorte demarcado por Momigliano, em sua obra *Os limites da helenização* (Zahar, 1991).

Lembremos a célebre anedota envolvendo o pintor Apeles, narrada por Sexto, nas *Hipotiposes*, para introduzir o tema do ceticismo, e toda a problemática que ele assume, na leitura pascaliana.

Narra Sexto:

Um fato que se conta sobre o pintor Apeles se aplica igualmente ao cético. Certa vez, segundo se conta, Apeles estava pintando um cavalo e desejava representar a espuma em sua boca; porém, sem sucesso, desistiu disto e lançou contra a tela a esponja que usava para limpar os pincéis, conseguindo com isto o efeito pretendido da espuma na boca do cavalo. Do mesmo modo, os cétricos pretendiam alcançar a tranquilidade decidindo sobre as anomalias em relação às sensações e aos pensamentos, e incapazes de conseguir isto, suspenderam o juízo. Ao fazê-lo, entretanto, descobriram que, como que por acaso, a tranquilidade seguiu-se à suspensão, como uma sobra segue um corpo. (HP I, 28-29).<sup>7</sup>

Como aponta a famosa passagem das *Hipotiposes Pirrônicas*, o cético descobriu, de modo fortuito, que a imperturbabilidade (*ataraxia*) é uma consequência da suspensão do juízo (*epokhé*). Depois de abster-se, por acaso, da inclinação a decidir entre múltiplos discursos acerca da verdade, nos quais ele julgava residir a possível dissipação das perturbações geradas pelas contradições, ele obteve a tranquilidade desejada, que acompanhou a suspensão da maneira mais natural possível, *como uma sombra segue um corpo*. Isso levará Sexto a definir a *ataraxia* como a *arkhé* do ceticismo, o princípio ou o motivo pelo qual o ceticismo deve se dar. Tendo obtido a tranquilidade, o cético terá, como decorrência dela, a felicidade (*eudaimonia*).

No contexto pascaliano, posterior à revelação cristã, esse pensamento é interpretado a partir de um viés inteiramente diferente do que autorizava os antigos, que viviam antes de Cristo, a cogitá-lo. Pascal considera que desde que o homem perdeu seu verdadeiro bem, ou – para orientar nossa reflexão a partir da metáfora do *roi dépossédé* – desde que perdeu seu reino, ele pode encarar *qualquer outra coisa* como sendo tal, no afã de preencher a lacuna que essa perda do bem real lhe deixou; e para ele os filósofos elegeram, por conta própria, uma variedade de objetos e ações (por vezes inconciliáveis) onde alocaram o sumo

<sup>7</sup> Parte do livro I das *Hipotiposes Pirrônicas* foi publicada na *O que nos faz pensar* – revista do departamento de filosofia da PUC-Rio, no. 12, junho, 1997, com tradução brasileira de Danilo Marcondes. Seguimos essa tradução em citações do livro I e, para trechos não traduzidos para o português, tomamos por base a tradução inglesa de R. G. Bury (1933), cotejada com a francesa de P. Pellegrin (1997).

bem do homem: “Um diz que o soberano bem está na virtude, o outro o coloca na volúpia, o outro em seguir a natureza, o outro na verdade [...], o outro na ignorância tranquila, o outro na indolência [...] e os intrépidos [*braves*] pirrônicos em sua *ataraxia*, dúvida e suspensão perpétua” (Laf. 76/Sel. 111).

A natureza humana, marcada pela reminiscência da verdade e da felicidade, aliada ao desejo insuperável da posse de ambos, tornaria, segundo Pascal, o ceticismo inexequível no âmbito prático. A dúvida cética, por sua vez, é encarada como motivo de infelicidade e a suspensão do juízo como razão de inquietação e não de tranquilidade, tal como defendem os pirrônicos. Para Pascal, a última coisa a que o ceticismo poderia conduzir seria à *ataraxia*.

Enquanto um *rei deposto*, o homem não pode jamais se colocar diante do mundo como uma tábula rasa, *une carte blanche*, tal como diriam Montaigne (1533-1592) e Charron (1541-1603);<sup>8</sup> ele não pode adotar o método cético de *nettoyer l'esprit* (expurgo de todas as opiniões e crenças), realizar uma espécie de varredura que o permita começar do zero, porque ele carrega, como uma herança de sua condição de “grande senhor”, de “soberano despojado”, um elemento prévio; uma reminiscência (ainda que vaga e fraca) da verdade e do bem, que seria uma marca indelével de sua primeira condição. Pascal expõe essa questão nos *Pensamentos* a partir de várias fórmulas: “temos uma ideia da felicidade”; “sentimos uma imagem da verdade”; somos “incapazes de ignorar absolutamente” (Laf. 131/Sel. 164); “Houve outrora no homem uma verdadeira felicidade, da qual agora lhe resta apenas o sinal [*marque*] e o rastro [*trace*]” (Laf. 148/Sel. 181); “Eis o estado em que os homens se encontram hoje. Resta-lhes algum instinto impotente de felicidade de sua primeira natureza” (Laf. 149/Sel. 182); e, finalmente, “temos uma ideia da verdade invencível para todo o pirronismo” (Laf. 406/Sel. 25).

Essa é, em suma, a posição de Pascal diante do ceticismo e, a partir dela, o presente estudo se propõe a pensar de que modo a reminiscência, tal como exposta na *Apologia* pascaliana, obsta essa ideia central do pensamento cético antigo, que é a obtenção do bem humano supremo, a felicidade (consequência da *ataraxia*), a qual Pascal afirma, categoricamente, ser impossível de se alcançar quando buscada no plano meramente humano.

<sup>8</sup> *Apologia de Raymond Sebond* (II, 12) e *De la Sagesse*, respectivamente.